

# *A digital history e o ofício do historiador*

## *The digital history and the historian's craft*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i24.55090>

Texto traduzido a partir do original “La Digital history e il mestriere di storico”, disponível em “Informatica Umanistica e Cultura Digitale: il blog dell' AIUCD”. Disponível em: <https://infouma.hypotheses.org/2753>. (tradução de Tiago Gil)

**Enrica Salvatori**

Università di Pisa

<https://orcid.org/0000-0002-2933-4341>

[enrica.salvatori@unipi.it](mailto:enrica.salvatori@unipi.it)

**Resumo**

Reflexões sobre a chamada "história digital" e a formação de profissionais de história

**Palavras-chave**

história digital, ofício do historiador, pesquisa, formação de historiadores

**Abstract**

Considerations on the so-called "digital history" and the training of history professionals.

**Keywords**

Digital history, historian's craft, research, historians learning

O interessante artigo de Giovanni Carosotti intitulado “La Digital History: tra superamento della figura dello ‘storico’ e ripensamento della didattica della storia”<sup>1</sup> levanta algumas questões estimulantes com relação ao campo da história digital. Embora, por um lado, o autor aceite plenamente a “virada de época” provocada pela “realidade informacional” que ocorreu no último quarto de século, por outro lado, ele expressa uma dúvida razoável sobre alguns dos corolários que essa virada implicaria. Essas são questões que já abordei parcialmente em meu trabalho, mas que, em minha opinião, merecem ser analisadas com mais profundidade, inclusive para esclarecer possíveis mal-entendidos e promover um debate construtivo.

A primeira questão, com a qual concordo em grande parte, poderia ser chamada de *medo do princípio reducionista*. Em essência, ele se recusa a considerar o aspecto computacional como o único critério descritivo e característico das *Digital Humanities*, o que levaria a “promover um reducionismo do conteúdo das humanidades a critérios quantitativos”. Certamente não é o caso de abordar aqui a questão das origens e dos desenvolvimentos da Informática Humanística primeiro e depois das *Digital Humanities*, para a qual remeto com prazer à introdução de Fabio Ciotti ao recente volume dedicado a essa “galáxia” disciplinar.<sup>2</sup> Limitar-me-ei a lembrar que, precisamente na Itália, essa galáxia produziu um forte núcleo de elaboração teórica “sobre os efeitos da aplicação de procedimentos computacionais a problemas específicos de pesquisa”.<sup>3</sup> Essa irreduzibilidade das *Digital Humanities* aos métodos quantitativos e às novas técnicas de análise e visualização de dados emerge de forma particularmente clara no campo da história digital (mas ainda mais fortemente na filosofia digital), onde o adjetivo também inclui a Web como um lugar para publicar e compartilhar recursos e narrativas históricas, ou como um lugar para criar recursos *ex novo* úteis para o discurso histórico, e onde a questão da intermediação apoiada pelo pensamento crítico em resposta à proliferação de informações é fundamental.<sup>4</sup> A análise crítica no mundo di-

---

1 Carosotti, Giovanni. “La Digital History: tra superamento della figura dello ‘storico’ e ripensamento della didattica della storia”. *L’identità di Clio* (blog), 4 dicembre 2023

2 Ciotti, F. Introduzione. *La galassia delle Digital Humanities*, in Ciotti, F. *Digital Humanities: metodi, strumenti, saperi*. Roma, Carocci, 2023

3 Buzzetti, D. Prefazione. *Oltre il limite istituzionale*, in Ciotti, F. *Digital Humanities: metodi, strumenti, saperi*. Roma, Carocci, 2023

4 Ravveduto, M., Salvatori, Enrica. *Storia digitale e digital public history: le novità di un antico mestiere*, in Ciotti, F. *Digital Humanities: metodi, strumenti, saperi*. Roma, Carocci, 2023, pp. 229–254

gital, no entanto, pressupõe um certo domínio das ferramentas que a permitem e, conseqüentemente, também uma consciência dos limites e do potencial dessas mesmas ferramentas: é aqui que se esconde um certo risco reducionista, em minha opinião. As *Digital Humanities*, embora não constituam um campo disciplinar institucional, cresceram nos últimos anos e continuaram a se especializar na criação e implementação de ferramentas e plataformas, criando sua própria linguagem técnica e lançando caminhos internos de pesquisa que, às vezes, privilegiaram (e até tiveram que privilegiar) a técnica em detrimento do conteúdo, a produção de *corpora* anotados em detrimento da discussão de métodos e resultados de análise. Isso também se deveu ao atraso frequentemente relatado no treinamento digital de jovens humanistas (nesse contexto específico, historiadores) que não conseguiram "acompanhar" essa pesquisa. A função de ponte entre as disciplinas de humanidades, que muitas vezes foi evocada para as *Digital Humanities*, às vezes corre o risco de entrar em colapso, precisamente porque os diferentes canteiros continuam a manter caminhos e tempos de trabalho diferentes.

O segundo ponto delicado diz respeito mais especificamente à história digital diante da quantidade anormal, descontrolada e incontrolável de informações no mundo digital e da ideia de que um pressuposto comum das reflexões sobre a *digital history* é "a aceitação, talvez de forma acrítica, do conceito de *infosfera* [...] para a nova maneira de entender a pesquisa histórica". Assim como o autor, concordo que a *infosfera* é um conceito altamente ideológico, mas também acho que é inútil afirmar o óbvio, ou seja, que não há aceitação acrítica entre os historiadores mais comprometidos com o campo digital. O problema, de fato, não é o grau de criticidade com que confrontamos essa realidade que já permeia nossas vidas e está em constante mudança (ela constitui precisamente, como a biosfera, o ambiente informacional e cultural no qual crescemos e que, por sua vez, modificamos), mas como abordamos e gerenciamos as questões que ela apresenta. A história digital não é identificada com a *infosfera*, mas certamente faz parte dela. Se examinarmos sua definição

spazio semantico costituito dalla totalità dei documenti, degli agenti e delle loro operazioni, dove per "documenti" si intende qualsiasi tipo di dato, informazione e conoscenza, codificata e attuata in qualsiasi formato semiotico, gli "agenti" sono qualsiasi sistema in grado di interagire con un documento indipendente (ad esempio una persona, un'organizzazione o un robot software sul web) e il termine "operazioni" include qualsiasi tipo di azione, interazione e trasformazione che può essere eseguita da un agente e che può essere presentata in un documento.

Aqueles que fazem história hoje precisam saber como escolher, processar e analisar corretamente os "documentos", ser "agentes" e se relacionar com outros "agentes" e conduzir "operações" metodologicamente corretas, considerando que os "agentes" podem ser indivíduos, como comunidades, sistemas de IA ou organizações (que também fazem uso de IA) e que as operações não podem mais se limitar a escrever um ensaio histórico. Os fenômenos que ocorrem na infosfera atualmente no nível de escrita, reescrita, compartilhamento e criação de história são de tal magnitude que a própria necessidade de uma visão crítica exige a aquisição de novas metodologias e novas ferramentas de trabalho, com as quais integrar e possivelmente rediscutir o conhecimento e os métodos herdados do passado. Se isso não for feito, o resultado será precisamente a aceitação acrítica, porque a leitura interpretativa única do acadêmico não mudará nem um pouco as visões múltiplas, descontroladas e incontrolláveis da história.

A terceira dúvida diz respeito ao contexto obrigatoriamente interdisciplinar que a história digital (como qualquer atividade nas *Digital Humanities*) implica. Basicamente, questiona-se se é possível e correto fazer história com projetos realizados por equipes de pesquisa. De acordo com Carosotti, a natureza intrinsecamente interdisciplinar da Digital History teria repercussões (presumo que negativas), por um lado, "sobre a natureza ontológica da disciplina histórica" e, por outro, "sobre as formas de conduzir a pesquisa histórica". Quanto ao primeiro ponto, eu me rendo imediatamente, porque quando penso na natureza ontológica de qualquer disciplina, incluindo a minha, imagino um monstro em algum lugar entre um Kraken e um Blob, um devorador cruel com limites disformes. A pesquisa histórica pressupõe um processo rigoroso de encontrar, hierarquizar, analisar e sintetizar fontes primárias e secundárias, necessário para dar confiabilidade científica ao trabalho do historiador e levar a uma exposição ordenada de fatos passados e eventos humanos que iluminem as conexões recíprocas que é possível e legítimo reconhecer neles. Como tal, está longe de ser reconhecível no produto intelectual de um único acadêmico, mas sim na rede extremamente complexa de fontes (escritas, iconográficas, materiais e orais), narrativas individuais e coletivas estratificadas ao longo do tempo, das quais o "historiador" nem sempre tem plena consciência. Somente uma visão limitada da disciplina pode permitir como único operador autorizado (e com autoridade) o pesquisador/acadêmico individual que coleta e analisa criticamente as fontes a fim de produzir sua própria visão historiográfica, bem como o professor individual que tenta transmitir a seus alunos o que ele compreendeu meticulosamente dessa visão historiográfica. A atividade de interpretação do indivíduo inclui necessariamente um conjunto de outras leituras e interpretações, em

sua maioria coletivas e compartilhadas por várias comunidades, que o acadêmico aceita (às vezes de forma acrítica e inconsciente), examina, rejeita, modifica e aprimora. Pergunto-me, então, por que ele precisa necessariamente fazer isso sozinho. Por que não se pode aceitar que a análise possa se beneficiar de um processo de compartilhamento e diálogo? Por que a interpretação "só pode se referir a uma reflexão individual do historiador, que propõe sua própria análise em um debate entre a comunidade de acadêmicos"? E, finalmente, por que "uma interpretação histórica que é o resultado de um trabalho coletivo, que afirma sua validade com base em um conjunto de dados, levanta suspeitas legítimas quanto à sua neutralidade"?

Considerando que todo trabalho de natureza histórica se baseia na coleta e na exegese de fontes que somente a exatidão do método consegue transformar em "dados objetivos" (que, de qualquer forma, nunca são totalmente assim), a questão aqui é se é possível realizar essa exegese por meio do trabalho em grupo. Naturalmente, eu também responderia positivamente ao analisar a pesquisa tradicional, que, na verdade, sempre se beneficia do conhecimento externo (notas) e do diálogo (reuniões e revisões por pares) e que apenas uma prática acadêmica perturbada quis encerrar no jardim (ou torre) da personalidade de um único gênio. A Digital History e, mais ainda, a Digital Public History transformam uma prática virtuosa de implícita em explícita, exigindo que ela seja declarada e considerada nos pontos de partida metodológicos e na descrição do processo de análise, bem como na comunicação das conclusões. Isso, afinal, vem acontecendo há anos em várias outras disciplinas, onde o indivíduo não tem chance de realizar a pesquisa sozinho, justamente porque são necessários instrumentos, habilidades e procedimentos diversificados. Não vejo o risco, como teme o autor, de uma atividade de empresa em que o resultado já está previsto de antemão e é simplesmente planejado: o problema é, em vez disso, definir as diferentes responsabilidades e funções e os procedimentos de comunicação dentro do grupo, como acontece em qualquer projeto de pesquisa, para que se obtenha uma reflexão intelectual coletiva. Isso não impede que outras interpretações subjetivas e estudos aprofundados conduzidos pelo indivíduo floresçam a partir da reflexão, mas a jusante do trabalho de coleta, leitura, análise, anotação e devolução dos dados, que se beneficia de várias habilidades e que a própria correção da metodologia usada permite uma comparação útil. Não percebo nessa atividade o risco de ter "confortos pré-preparados", pois o resultado desejável deve ser uma reflexão coletiva que também dê ao usuário um conjunto de recursos bem metadados, capazes de abrir caminho para outras interpretações, conduzidas por indivíduos ou grupos.

O último ponto a ser discutido diz respeito à didática da história, sobre a qual devo confessar conhecimento parcial, pois minha experiência se limita à esfera acadêmica. Em geral, acredito que não há uma única maneira, nem a melhor maneira, de ensinar história e que um bom professor deve encontrar a maneira mais eficaz no contexto em que está trabalhando e com base em suas aptidões e habilidades pessoais. No meu caso, sempre achei muito eficaz tomar emprestado o caminho didático do modelo da oficina renascentista, ou seja, envolver os alunos em um projeto comum que exigia a integração não apenas entre diferentes disciplinas ou artes, mas também entre a especulação intelectual e a destreza manual (esta última digital). De fato, considero a fórmula de *learning by doing* extremamente eficaz e bem-sucedida hoje em dia no campo da história, precisamente por causa do ambiente digital, que possibilita a criação, modificação, compartilhamento e publicação de objetos sem a necessidade de usar ferramentas analógicas. Esse é um método didático que integra conhecimento e habilidades, mas somente se as ferramentas do ofício, tanto as herdadas do passado analógico quanto as disponibilizadas pelos avanços tecnológicos, forem dominadas.

A pesquisa e a didática devem prosseguir juntas, sem renegar os métodos do passado, mas também sem permanecer ancoradas a eles. Certamente não é um caminho fácil, e a experimentação obviamente leva a erros, mas entre ficar sobrecarregado pelo ponto de virada histórico e tentar conscientemente fazer parte dele, só há uma escolha.

## Referências

Buzzetti, D. Prefazione. Oltre il limite istituzionale, in Ciotti, F. *Digital Humanities: metodi, strumenti, saperi*. Roma, Carocci, 2023

Carosotti, Giovanni. “La Digital History: tra superamento della figura dello ‘storico’ e ripensamento della didattica della storia”. *L’identità di Clio* (blog), 4 dicembre 2023.

Ciotti, F. *Introduzione. La galassia delle Digital Humanities*, in Ciotti, F. *Digital Humanities: metodi, strumenti, saperi*. Roma, Carocci, 2023

Ravveduto, M., Salvatori, Enrica. *Storia digitale e digital public history: le novità di un antico mestiere*, in Ciotti, F. *Digital Humanities: metodi, strumenti, saperi*. Roma, Carocci, 2023, pp. 229–254

Recebido em 01 de agosto de 2024  
Aprovado em 02 de agosto de 2024

Autora convidada